

XIº JORNADA INTERNA DO IPSM-MG

2º semestre de 2003 - Unidades 2 e 4

Sábado, 4 de outubro de 2003.

Mais uma vez, o Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais (IPSM-MG) realiza uma Jornada Interna, visando a apresentação, por parte de seus alunos, dos trabalhos finais referentes às Unidades cursadas no semestre anterior e selecionados especialmente para essa atividade. Nessa seleção, realizada por Antônio Beneti, Lázaro Elias Rosa, Sérgio Laia e Suzana Barroso, considerou-se a pertinência conceitual dos textos com as Unidades que lhe são relativas, a relevância teórico e/ou clínica do tema, o rigor e a clareza da argumentação. Por sua vez, os textos não selecionados para apresentação também recebem comentários escritos daqueles que os avaliaram.

Conforme poderá ser verificado na programação abaixo, quatro trabalhos serão lidos e debatidos em duas Mesas e quatro trabalhos vão servir de referência para uma Conversação sobre Neurose e Perversão. Importante destacar que, sobretudo para a Conversação, deve haver uma leitura prévia dos textos, uma vez que estes, com a presença daqueles que os escreveram e da coordenação, vão provocar uma elaboração coletiva sobre as duas estruturas clínicas que foram tematizadas ao longo das Unidades 2 e 4 do Curso de Formação do IPSM-MG.

LOCAL:

Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais

Rua Felipe dos Santos, 588, Lourdes - Belo Horizonte/MG

Fone: (31) 3275-3873

8:00h - 9:00h

ABERTURA

Antônio Beneti (Diretor do IPSM-MG)

Investigação e Formação em Psicanálise

Sérgio Laia (Diretor de Ensino do IPSM-MG)

9:00h às 10:00h

MESA I - UNIDADE 2: NEUROSE - A QUESTÃO DO DESEJO

Feminilidade e Estrutura

Maria Elisa Campos

A precocidade do gozo

Paula Magalhães dos Santos

10:00h às 11:00h

MESA II - UNIDADE 4: PERVERSÃO - TRAÇOS OU ESTRUTURA?

A Neurose é o negativo da perversão

Avilmar Rocha Maia

Uma posição subjetiva: a perversão como defesa

Mônica Campos Silva

11:00h às 11:30h - Lanche

11:30h às 13:30h

CONVERSAÇÃO: NEUROSE E PERVERSÃO

Textos de referência:

O narcisismo e o estádio do espelho – Raquel Rubim del Giúdice
Uma estranha perversão na obra de Marcel Duchamp – Luciana Silvano Brandão
A histeria e o desejo insatisfeito - Ana Dorotéia V. Almeida Amaral
Fragmentos de um caso de neurose obsessiva – Leticia Rocha França Machado Veiga.

:: Trabalhos:

"Formação, ensino e investigação em psicanálise" - Texto de Abertura por Sérgio Laia - Diretor de Ensino

"Precocidade do gozo"

"Fragmentos de um caso de neurose obsessiva"

"Uma estranha perversão"

"Feminilidade e estrutura"

Uma posição subjetiva: A perversão como defesa

Formação, ensino e investigação em psicanálise*

Sérgio Laia**

1. Quando o Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais (IPSM-MG) foi fundado, avaliou-se rigorosamente a oferta de um "Curso de Formação". Nessa avaliação, o próprio nome – "Curso de Formação" – foi alvo de questionamento, tendo em vista dois motivos:

1.1. por um lado, a expressão "curso de formação" não deixa de ecoar uma referência analítico-institucional bem diferente daquela que propomos, ou seja, tem forte lastro histórico nas "sociedades de psicanálise" que, se não estão vinculadas oficialmente à Associação Internacional de Psicanálise (IPA), pelo menos procuraram ou ainda tentam se inspirar nas diretrizes dessa Associação.

1.2. por outro lado – e este era o motivo mais forte – para orientação lacaniana veiculada pela Associação Mundial de Psicanálise (AMP), a "formação do analista" não é redutível a um curso (ou mesmo a vários deles) justamente porque, ao contrário de um curso que tem sempre um fim previsto, sustentamos que ela é infinita. Em outros termos, os Membros da AMP procuram dar uma efetiva tradução institucional – pensem, por exemplo, no "passe" – a uma articulação que Freud pôde testemunhar, com relação a ele próprio, nos seguintes termos: "...a história da minha vida e a história da psicanálise. Elas se acham intimamente entrelaçadas... A psicanálise veio a ser todo o conteúdo da minha vida e com razão presume que minhas experiências pessoais não são de um interesse qualquer ao se traçar um paralelo de minhas relações com aquela ciência" [1]. Assim, para nós, a formação do analista é percurso de toda uma vida e, ao incluir todo um investimento no futuro da psicanálise, sua dimensão infinita torna-se ainda mais evidente. E tal formação não se circunscreve, segundo nossa orientação, à finitude de um curso, também porque ela não é o resultado de uma outorga recebida de uma instituição, mas de uma auto-autorização que um analista proclama [2] e que a Escola garante e considera como um princípio à medida mesmo que o convoca a dar provas do que ele proclama. Nesse viés, parecia-nos estranho

que um Instituto propusesse um “Curso de formação” porque a formação do analista é função de uma Escola [3], é em uma Escola que os analistas são formados.

2. A decisão pelo nome “Curso de formação” se deu no sentido de se poder jogar com o equívoco próprio ao significante e apostar na transferência: tratava-se de usar as ressonâncias sociais já tradicionais do termo “formação” – e mesmo o valor agalmático com que ele se inscreve em nossa cultura – para promover um ensino no qual a própria concepção de um “curso de formação” seria questionada, mas com o devido consentimento daqueles que nele se inscrevem. E esse questionamento se processa, tanto neste texto em que se reafirma a disjunção entre a formação do analista e o ensino promovido pelo IPSM-MG e pelos outros Institutos do Campo Freudiano, quanto nas próprias entrevistas de seleção para o “Curso de formação”, uma vez que esclarecemos, desde o início, a cada candidato, que o IPSM-MG não forma analistas, nem autoriza a prática de quem quer que seja.

3. Qual seria, então, a função do IPSM-MG, uma vez que ele é um Instituto do Campo Freudiano?

3.1. Trata-se de um local de ensino, mas de um ensino diferente daquele que Lacan localizava na Escola porque, no caso de nosso Instituto, quem ensina não o faz a seu próprio risco. Há, assim, uma Diretoria de Ensino e um Corpo Docente que fornecem algumas diretrizes, que propõem e implementam programas. Há, também, aqueles que se inscrevem no que temos chamado de “Curso de formação” e que esperam uma elucidação dos conceitos, uma explicitação dos matemas, uma reorientação sistemática de suas práticas.

3.2. Trata-se, também, de um local de investigação porque, em um Instituto de Psicanálise do Campo Freudiano, conceitos e matemas não são letras mortas, nem a prática é mera aplicação de um conteúdo teórico já dado ou o ensino uma exposição do já sabido. Trata-se de um local permeado por um saber vivo e que deve ser capaz de difundir esse saber sem destituí-lo da vida que o afeta. Um psicanalista que ensina no Instituto, como nos lembra Éric Laurent, “tenta ‘ensinar o que a psicanálise lhe ensina’” e, ao fazê-lo, “desordena os modos de ensinar admitidos” [4]. Por isso, as aulas do Instituto acabam por também jogar com o equívoco significante do termo “aula”: se elas seguem um programa, esse programa é o trajeto de uma investigação para a qual o docente ou o professor envolvido convida os inscritos a participarem efetivamente. Aqui, se utilizo o verbo “convidar”, é porque aqueles que procuram o Instituto, mesmo se o fazem a partir de uma prática orientada pela psicanálise, não o procuram rigorosamente como analistas e, assim, retomando uma intervenção de Éric Laurent, uma função do Instituto é fazer com que aqueles que o demandam possam “se deixar ensinar pela experiência obtida em uma psicanálise” [5]. Assim, o Instituto é um local onde um convite pode ser endereçado, mas nem todos que se deixam ensinar pela experiência analítica pretendem efetivamente se tornar analistas, o que de modo algum torna menos digno seu interesse pela psicanálise ou menos digna a estratégia do ensino e da investigação que promovemos no Instituto.

3.3. Trata-se, por fim, de um lugar que deve estar à altura de orientar a aplicação da psicanálise à terapêutica porque seu ensino se faz de modo sistemático e sua investigação zela para que o saber que se ensina possa ser o veículo para a transmissão de algo articulado ao que há de mais vivo na experiência testemunhada pela prática de cada um. Aspiramos, portanto, ao aprimoramento e à ampliação orientada dos campos de aplicação da psicanálise à terapêutica, de modo que a psicanálise não seja confundida com outros recursos terapêuticos que também recorrem à palavra. Nesse contexto, no Instituto, visamos que os inscritos em suas atividades se deixem tocar pelo “saber não saber” que, por sua vez, é diverso do “não saber que sabe” (suportado pelos neuróticos), é diferente do

saber clínico pautado por um know-how ou por um conjunto de técnicas e pode, portanto, dar lugar a descobertas realmente surpreendentes.

4. Alguns anos após sua fundação e com suas atividades tendo um significativo reconhecimento em nosso Estado, mas também nos âmbitos nacional e internacional, o IPSM-MG me parece poder ousar mais um passo: depois de se servir do significante "formação", dispensá-lo para passar a se apresentar de modo cada vez mais efetivo nessa nova perspectiva que, recentemente em Buenos Aires, Leonardo Gorostiza pôde nos designar como aquela na qual os Institutos do Campo Freudiano, tratando o significante "formação" como pertinente às Escolas, se corporificariam, por excelência, como locais de ensino e de investigação.

Belo Horizonte, 3 de outubro de 2003.

* Texto apresentado na Abertura da VIII Jornada Interna do IPSM-MG, destinada à exposição e debate de trabalhos dos inscritos nas Unidades do Curso de Formação desse Instituto.

** Diretor de Ensino do IPSM-MG. Analista Praticante (AP), membro da AMP e da EBP.

[1] FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico (1924). In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol XX. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p. 89. Na passagem acima citada, fiz uma correção em relação ao texto em português: onde se lê, na edição da Imago, "...não são de qualquer interesse...", substituí por "...não são de um interesse qualquer..." porque, de fato, toda a argumentação de Freud é sobre o quanto sua própria vida não se separa da psicanálise. Essa substituição, portanto, visa corrigir um erro de tradução que inverte completamente o sentido do que Freud sustenta nesse escrito. [2] Essa auto-autorização se imprime no princípio lacaniano que diz: "Le psychanalyste ne s'autorise que de lui-même" ("O analista não se autoriza senão a partir dele mesmo"). Cf. LACAN, J. Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École. In: _____. Autres écrits. Paris: Seuil, 2001, p. 243. Uma tradução brasileira desse escrito de Lacan poderá ser encontrada em: Opção lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo, n. 17, p. 5-12, novembro de 1996.

[3] Para uma breve elucidação sobre a formação do analista como função da Escola, lembraria que, para Lacan, o "princípio: o psicanalista não se autoriza senão dele mesmo... está inscrito nos textos originais da Escola e decide quanto à sua posição", mas Lacan logo nos adverte que "isso não exclui que a Escola garanta que um analista é proveniente de sua formação". Cf. LACAN, Jacques. Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École..., p. 243. Uma referência à tradução brasileira desse texto poderá ser consultada, acima, na nota 2.

[4] LAURENT, Éric. Reflexões sobre a forma atual do impossível de ensinar (texto divulgado pela lista AMP-Veredas e datado de 21 de setembro de 2000).

[5] Extraio essa passagem de uma gravação, realizada em fita K7, de um encontro dos ensinantes do Instituto de Psicanálise da Bahia com Éric Laurent, em 27 de novembro de 2000. Esse encontro, para o qual também foram convidados docentes de outros Institutos que estavam em Salvador naquela ocasião, aconteceu após a VII Jornada da EBP-BA e da III Jornada do Instituto de Psicanálise da Bahia.

PAULA MAGALHÃES DOS SANTOS

A PRECOCIDADE DO GOZO

Trabalho apresentado à Diretoria de Ensino do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.

Orientadora: Lilany Vieira Pacheco

Belo Horizonte

2003

A PRECOCIDADE DO GOZO

Paula Magalhães dos Santos [1]

O caso que irei relatar refere-se a um homem que busca a análise com a queixa inicial: “o meu problema é a ejaculação precoce”. Pedro tem 30 anos. Até este momento havia procurado um urologista e uma psiquiatra. Fazia uso de dois remédios, um para a sua ansiedade e outro para resolver o que ele dizia ser o seu “problema”. Na primeira vez que Pedro me disse o que ele pensava disto ele fala: “o meu problema é a ejaculação precoce porque eu gozo antes da minha namorada”. Neste ponto, surge um significante que vai permear toda a sua estória que é o “gozar antes”. Vamos à ela.

1. AS DUAS FORMAS DO OUTRO

Na relação do obsessivo com o Outro, Lacan considera “que o obsessivo quer manter acima de tudo, sem dar impressão disso, é esse Outro onde as coisas se articulam em termos de significante” (LACAN, 1958, p. 431). Na história de Pedro existem duas formas de manutenção deste Outro: o Pai e a Mulher.

1.1. O Pai

Já na primeira sessão, quando Pedro traz esta queixa, ele me diz que desde a sua primeira relação sexual ele tem ejaculação precoce e acrescenta: “meu pai morreu quando eu tinha 16 anos e nesta época eu precisei dele para me inserir na vida sexual”. Logo me conta em detalhes toda a seqüência da morte de seu pai e também todo o seu ritual nos preparatórios para o enterro dele. A partir daí me disse que seu pai havia sumido de casa há alguns dias e, quando foi encontrado, estava perdido no meio do mato com a perna machucada. Trouxeram-no para Belo Horizonte, mas não havia mais o que fazer. Quando ele morre, Pedro conta tudo o que ele pôde fazer para o enterro de seu pai. Ele fala: “Tinha apenas 16 anos, mas era o filho mais velho da família. Mesmo assim, vim para Belo Horizonte sozinho e fiz tudo o que foi preciso para preparar a morte do meu pai. Até na hora do enterro, eu carreguei o caixão durante 30 minutos e as pessoas me diziam que eu não podia fazer aquilo porque era muito novo”.

Pedro traz em sua análise dois tempos precisos de sua vida em que sua sexualidade é posta em questão. Há o primeiro tempo, que é demonstrado quando ele relembra um fato de sua infância que compõe a sua fantasia fundamental, fantasia da qual ele tem um certo acesso e que aparece no dispositivo analítico. Pedro dizia que não tinha condições de estudar, mas teve a sorte de sua mãe trabalhar numa escola. Conta-me que, quando ele começou a estudar, não precisou passar pelo Pré-primário, pois sua mãe já havia lhe ensinado muita coisa em casa. É aí que ele relata o que as pessoas diziam dele que é a sua fantasia: “Olha que bonitinho! Tão pequenininho e já está na escolinha!”. Explicitamente seria difícil enxergar por que esse foi um período essencial na sua estória, mas existe aí um ponto chave: ele não precisou passar antes pelo “Pré”.

Segundo Freud, em seu texto "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor", existem duas correntes ligadas ao desenvolvimento da libido: a corrente afetiva e a corrente sensual. A corrente afetiva constitui-se nos primeiros anos da infância. Este é o primeiro tempo de Pedro.

"Forma-se na base dos interesses do instinto de autopreservação e se dirige aos membros da família e aos que cuidam da criança. Desde o início, leva consigo contribuições dos instintos sexuais que já se podem observar, de maneira mais ou menos clara, mesmo na infância, e que se descobrem de algum modo mais tarde nos neuróticos através da psicanálise" (FREUD, 1912, p. 186).

O segundo tempo é o momento no qual Pedro, aos 16 anos, perde o pai. É também o momento que Freud chamou de corrente sensual e que acontece na puberdade.

"Neste ponto, no entanto, defronta-se com obstáculos que, nesse meio tempo, foram erigidos pela barreira contra o incesto; em conseqüência, se esforçará por transpor esses objetos que são, na realidade, inadequados, e encontrar um caminho, tão breve quanto possível, para outros objetos estranhos com os quais se possa levar uma verdadeira vida sexual" (FREUD, 1912, p. 187)

Pedro vive esta perda do pai no momento em que esperava que ele apontasse à ele uma mulher, de "inserir-lo na vida sexual". Isto ficou em aberto no decorrer de sua vida e até hoje ele não consegue gozar porque o pai não lhe apresentou esta Mulher, de tal forma que a possibilidade de gozar da Mulher faz com que o Outro se apresente para ele agora numa Mulher.

1.2. A Mulher

No discurso de Pedro, observo a presença de três mulheres que, em circunstâncias diferentes, apresentam um ponto em comum: aquela que detém o saber sobre o seu gozo. Como já disse acima, para explicar o primeiro tempo de Pedro, a mãe é uma destas mulheres. Ela é a que tem um saber anterior, é a que o ensinou antes dele ir para o Pré. Relembra com grande satisfação desta época, mas também não deixa de falar da angústia da descoberta de que sua mãe estava com outro homem depois da morte de seu pai e, tempos depois, que ela já o traía antes dele morrer. Ele fala: "Perdi o meu pai e a minha mãe também".

Outro ponto importante de sua estória, e que faz existir uma outra mulher, está num fato ocorrido com sua namorada com quem ele se relaciona há dois anos. Houve uma vez que ela engravidou e queria abortar. Disse à ela que até poderia abortar, mas não com o dinheiro e o consentimento dele. Passou alguns dias, recebeu um telefonema dela dizendo para ir rápido até à sua casa. Quando ele chegou, encontrou-a chorando porque havia feito um aborto espontâneo. Ela havia colocado o feto dentro de um pote e mostrou para ele. Levou-a à sua médica e, longe da sua namorada, falou com a médica que desconfiava que este aborto havia sido provocado. A médica disse à ele que não podia mentir, mas omitir. Que se ele perguntasse, ela responderia. Ele não teve coragem de perguntar e, com isso, surge a dúvida, isto é, um dos chamados significantes-mestres que o obsessivo, estrategicamente, faz manter sua posição. A médica, então, é a terceira dessas mulheres que sabem do seu gozo. Através da dúvida, Pedro evita a certeza daquilo que lhe é insuportável: o testemunho da inconsistência deste Outro a quem ele dirige um saber. Este feto à mostra é uma experiência que Pedro relata com um certo temor, pois é a presentificação da idéia de que o Outro deseja a sua morte, é o próprio desvanescimento do sujeito característico da posição da fantasia do obsessivo.

Há também uma outra cena que ele traz com sua namorada onde ela lhe diz que sabia o que ele estava fazendo em casa enquanto ela estava trabalhando. Ele a interroga sobre o que ela queria dizer e ela responde que alguém havia lhe contado isto, mas não iria contar quem e nem o quê, pois ele sabia o que ela estava dizendo. Mais uma vez, a dúvida retorna. Assim, percebe-se que a Mulher é aquela que detém o saber, ela ensina antes da "escola da vida" o ensinar. Esse saber pode lhe trazer uma suposta solução à questão do gozo. Segundo Gazzola, um fator que está na base da estratégia da neurose obsessiva é

"a necessidade que ele experimenta de instituir o Grande Outro enquanto inteiro, de forma a encontrar uma resposta para sua questão subjetiva. O obsessivo tem necessidade de uma garantia do lado do saber, postulando o Outro como aquele que sabe" (GAZZOLA, 2002, p. 65).

Existe aí um "pré"coce em questão. Pedro vivencia o "antes". O pai morre antes, as mulheres antecipam o saber que ele demanda, ele "goza antes". Através da manutenção deste significante, ele prolonga o seu momento de compreender. Ele deixa sempre para depois, vivendo uma luta constante, amparado por seu gozo, para adiar o momento de concluir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund. O Complexo Paterno e a Solução da Idéia do Rato. In: _____. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. X, 1909, p. 175 – 191.
- _____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. In: _____. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. XI, 1912, p. 181 – 195.
- GAZZOLA, Luiz Renato. O obsessivo, o falo e a questão sobre a existência. In: _____. Estratégias na Neurose Obsessiva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p. 19 – 39.
- _____. O pai, a dívida e o gozo. In: _____. Estratégias na Neurose Obsessiva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p. 40 – 73.
- LACAN, Jacques. O desejo do Outro. In: _____. Seminário 5, As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1958, p. 399 – 416.
- _____. O obsessivo e seu desejo. In: _____. Seminário 5, As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1958, p. 417 – 434.

[1] Aluna do Curso de Formação em Psicanálise do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais

LETÍCIA ROCHA FRANÇA MACHADO VEIGA FRAGMENTOS DE UM CASO DE NEUROSE OBSESSIVA

Trabalho apresentado à Diretoria de Ensino do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.

Orientadora: Lilany Vieira Pacheco

Belo Horizonte
2003

FRAGMENTOS DE UM CASO DE NEUROSE OBSESSIVA

Letícia Rocha França Machado Veiga

Tomando como referência os estudos sobre a neurose obsessiva, no curso de Formação do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, o presente artigo pretende fazer algumas considerações sobre um caso de neurose obsessiva.

Quando recebemos um paciente na clínica, o que está em jogo é o desejo do Outro. É diante deste desejo que o sujeito se angustia, respondendo com uma fantasia a fim de recobrir a angústia advinda do desejo do Outro.

O desejo é o desejo do Outro, assim nos fala Lacan no Seminário V, "As Formações do inconsciente". [1] O Outro é a instância onde o significante ordena o desejo. Há uma dificuldade fundamental da relação do obsessivo com o Outro, o que torna o seu desejo evanescente. O desejo evanescente é entendido pelo fato de o sujeito atribuir uma proibição ao seu desejo, sustentando-a no Outro, precisamente na proibição do Outro. No entanto, estando o desejo inscrito na ordem da proibição, ele não tarda em manifestar-se. Quando o desejo do Outro se manifesta, surge então a fantasia, que é "uma articulação significativa fantasmática que permite dominar o gozo pela via de uma relação com um objeto". [2]

No texto "A psicanálise e seu ensino", Lacan faz referência ao inconsciente, dizendo: "O inconsciente é deste discurso do Outro em que o sujeito recebe de forma invertida que convém à promessa, sua própria mensagem esquecida". [3] O sujeito então faz sintomas a fim de não desencadear angústias.

O obsessivo chega à clínica falando muito de seu sintoma e mantém-se afastado de sua fantasia que é insuportável. "O obsessivo se engata ao Outro como a um significante no qual crê de modo mais tenaz" [4]. A fantasia manifesta para o sujeito, o desejo do Outro e, ao mesmo tempo, a manifestação de uma falta no campo do significante, e isso para ele é insuportável. Já o sintoma, aparece frente aos olhos do próprio sujeito como uma opacidade subjetiva, como um enigma a ser decifrado.

Nos fragmentos de um caso que apresentaremos, por se tratar de uma neurose obsessiva, encontramos "alguém que nos fala, acima de tudo, de toda sorte de empecilhos, inibições, bloqueios, medos, dúvidas e proibições". [5]

O paciente, que chamaremos de Roberto, chega à clínica queixando-se de não suportar a presença da mãe, lançando-se em auto-acusações, sempre presentes em seus relatos. Diz ele: "A presença de minha mãe me incomoda muito. Ela submeteu-se a uma cirurgia e eu tive que fazer-lhe companhia no hospital. Esta situação provocou-me um grande mal-estar. Eu consegui trocar pouquíssimas palavras com ela. Eu não agüento a minha mãe, sinto-me culpado por isso, pois ela já é idosa e, se ela morrer, vou me sentir muito culpado".

Tanto Freud como Lacan concordam que a culpa remete à lei da interdição do incesto. "O sujeito se coloca como não merecedor do nome, como impotente para falar, para conseguir o que quer". [6] As auto-acusações, advindas do não suportar a mãe, são a expressão da lei que marca o gozo como interdito. A recriminação está funcionando como um nome-do-pai simbólico, barrando o gozo e aparecendo também como um modo do sujeito gozar de seu inconsciente. O obsessivo "queixa por uma ausência de gozo, por um certo deserto de gozo" [7]. No entanto, ele goza de seu inconsciente, onde ele está como sujeito, mas não sabe disso.

Roberto vai ser pai pela primeira vez e, diante da questão da paternidade, ele responde com uma série de dúvidas, conforme seu relato: "Não sei se me mudo para a cidade ou se crio o meu filho no campo. Tenho medo de estar privando meu filho de uma convivência social". O

paciente e a esposa possuem uma intelectualidade apurada. Fizeram doutorado no exterior, trabalham em universidades bem conceituadas. Moram em uma casa de campo próxima à cidade.

“Em particular, ficamos sempre com a impressão de que o instinto do conhecimento pode realmente tomar o lugar do sadismo no mecanismo da neurose obsessiva. Na verdade, ele é, no fundo, uma ramificação sublimada do instinto de domínio, exaltado em algo intelectual, e seu repúdio sob forma de dúvida, desempenha grande papel no quadro da Neurose obsessiva”. [8]

Outra dúvida surge quando o paciente é convidado a assumir um cargo superior ao que ele ocupava. Diz ele: “ Não sei se vou aceitar a indicação para ocupar o cargo, acho que não estou muito bem preparado, mas acontece que sei que precisam de mim e vou acabar aceitando o convite”.

Uma das características da neurose obsessiva é a dúvida. No ensino freudiano, a dúvida é um artifício utilizado na neurose obsessiva, com a finalidade de defesa, funcionando como um método capaz de atrair o sujeito para fora de sua realidade e afastá-lo do mundo . Esta dúvida, na verdade é decorrente do seu próprio amor, inibido por seu ódio. A dúvida leva o paciente a incertezas, no que se refere às suas medidas protetoras contra os efeitos perturbadores das fantasias inconscientes. A dúvida estabelece que os atos protetores do paciente sejam realizados, bem como sua original decisão inibida em relação ao amor.

No decorrer do tratamento o paciente apresenta a mãe como um outro potente, na medida em que desde a tenra infância, a qualquer dificuldade de Roberto, ela se mostra, segundo ele: “pronta para resolver o problema”. A mãe, de uma certa maneira, o fascina por sua completude, muitas vezes ressaltada por ele, durante os atendimentos. Apesar disto queixa-se sempre da mãe por achar que ela , segundo Roberto: “se entromete demais na minha vida”. Isto nos remete a pensar na tentativa do obsessivo destruir o outro para arrancar-lhe aquilo que o torna potente, ou se destrói, ao tentar igualar-se a esta potência.

Roberto diz que não quer a interferência da mãe, no que se refere aos cuidados e educação do filho que está para nascer . “No dia do nascimento do meu filho, ficarei sozinho no hospital com minha mulher e só comunicarei à minha mãe o nascimento, uma semana após o parto”. Roberto disse isto com muita determinação; no entanto, quando sua mulher foi para a maternidade a primeira pessoa a ser comunicada foi a mamãe. E lá estava ela com caprichosos sapatinhos de tricot, que ela mesma teceu, ao lado do filho que a abraçava e chorava no colo da mamãe gozadora.

Após me relatar este fato, demonstra uma bondade excessiva, dizendo: “Tive que telefonar para minha mãe, coitada. Ela estava muito ansiosa, Louca para ver o neto nascer e além disso se ela morresse sem conhecer o neto, eu nem sei o eu seria de mim”.

Para que o sujeito tenha acesso ao desejo é preciso o desejo do Outro. É com o Outro que o sujeito deseja, em razão de sua alienação aos significantes das demandas do Outro, a propósito do que o Outro diz. O sujeito busca dar uma consistência ao Outro, interpretando o que o Outro demanda dele. Para o obsessivo, o Outro demanda mas não pode desejar, assim ele tenta responder à demanda do Outro na tentativa de matar o desejo do Outro. O desejo do Outro aparece como uma demanda imperativa que deve ser atendida. O obsessivo encontra-se na impossibilidade de formular uma demanda, e assim ele aceita e suporta tudo, aceitando as conseqüências desta atitude, chegando a ocupar o lugar de objeto de gozo do outro, no colinho da mamãe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. Disposição à neurose obsessiva. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol.XII.

FREUD, Sigmund. Homem dos Ratos. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. X.

LACAN, J. A psicanálise e seu ensino. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. O obsessivo e seu desejo. In: Seminário 5, As formações do inconsciente. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.r, 1988. p. 93-149.

MILLER, J. A . Duas dimensões clínicas: sintoma e fantasia. In: Percurso de Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1988. p.93-149.

WARTEL, Rogers. La Culpa Del Neurótico. In: Histeria Y Obsesión. Buenos Aires: S.R.L., 1986.p.59.

- [1] LACAN, J. O Obsessivo e seu desejo. In: Seminário V, As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1958, p. 417.
- [2] MILLER, J. A . Duas Dimensões clínicas: sintoma e fantasia. In: Percurso de Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p.107.
- [3] LACAN, J. A psicanálise e seu ensino. In Escritos. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 440
- [4] MILLER, J.A . Duas dimensões clínicas: sintoma de fantasia. In: Percurso de Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988. p. 121.
- [5] LACAN, J. Oobsessivo e seu desejo. In: Seminário V, As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 423.
- [6] WARTEL, R. La culpa Del neurótico. In: Histeria y obsesión. Buenos Aires: S.R.L., 1986. p.59.
- [7] MILLER, J.A . Duas dimensões clínicas: sintoma e fantasia. In: Percurso de Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. Ed., 1988. p.141.
- [8] FREUD, S. Disposição à neurose obsessiva. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol XII.

Um estranha perversão na obra de Marcel Duchamp

Luciana Silviano Brandão Lopes [1]

O artista francês Marcel Duchamp revolucionou o conceito de arte no século XX, destacando-se como uma peça chave na História da Arte Moderna. Chocou e perturbou seus contemporâneos com trabalhos pouco usuais e freqüentemente absurdos, como o ready made Fonte, um mictório de porcelana, com o qual mostrou como o artista poderia elevar um objeto industrial a um status de objeto de arte, apenas nele assinando seu nome e exibindo-o numa galeria de arte. Fazendo isso, trouxe uma mudança crucial na prática da arte que culminou na primazia do artista sobre o objeto.

O presente trabalho visa a refletir sobre a perversão, a partir da observação da forma peculiar como Duchamp monta sua instalação Etant donnés, na qual aparentemente há um convite para que se contemple seu trabalho e o efeito que esta visão suscita no espectador.

Suas principais obras foram o Grande Vidro, o Etant donnés e os ready mades, dentre outros. O Etant donnés [2] é uma instalação que Duchamp passou vinte anos construindo e

só foi mostrada ao público após sua morte em outubro de 1968. Esta obra inicialmente tinha o nome de Dado que: Maria, a queda d'água e o gás de iluminação e posteriormente, Dado que: 1º a queda d'água e 2º o gás de iluminação. Nota-se a dificuldade de traduzir para o português o título deste trabalho, pois ele por si só já aponta para uma estranheza sintática congruente com a estranheza do objeto exposto. Ou seja, a cena que é vista é tão estranha e de difícil tradução quanto seu nome. Nesta obra e também no Grande Vidro, há uma alusão evidente à artista plástica Maria Martins, que teve um longo relacionamento com Duchamp. Maria era brasileira, casada com Carlos Martins, embaixador brasileiro nos EUA entre 1939 e 1948 e de acordo com Ades, Cox e Hopkins [3], há fortes evidências de que o modelo do corpo usado no Etant donnés e no Grande Vidro é o seu.

Segundo Márcia Maria Rosa Vieira, de 1915 a 1923, toda a obra de Duchamp estaria centrada na construção de uma obra intitulada A noiva despida pelos seus celibatários, mesmo ou Grande Vidro [4]. Para a autora,

Nos termos de um crítico, trata-se, em parte, de uma pintura sobre um vidro e, em parte, de uma máquina fantástica, cujos mecanismos obedecem a uma lógica de paródia: um grupo de nove moldes masculinos provoca, através de complicados mecanismos onde intervêm um trenó e um moinho de chocolate, a queda do vestido de um estranho ente maquinal e feminino - a noiva -, no qual o processo suscita uma enigmática alteração que imita o arfar amoroso. Ao operar nos limites da pintura, em um universo maquinista e não "representacional", o Grande Vidro é um estratagema humorístico que não sem ironia, suscita questões sobre o erotismo. Se uma das suas metades abriga a exatidão da "maquinaria solteira", a outra parte desse quadro (da "sexuação", obviamente!) segue uma lógica poética e fantástica que torna difícil a sua redução, ou leitura apenas em termos mecânicos [5].

O Etant donnés está exposto no Museu de Arte da Filadélfia, instalado numa sala vazia em cujo fundo há uma grande porta de madeira sólida, impossível de ser aberta. Esta porta sem maçaneta tem, em sua superfície, vários pregos aparentemente sem nenhuma função e dois furos bem evidentes. Esses furos parecem chamar o espectador a olhar através deles, pois são a única maneira de se descobrir o que há atrás da porta. Acrescente-se que, apesar de tridimensional, é impossível ter uma visão totalizante da obra, que só oferece a visão de forma parcial. Assim um dos efeitos dessa instalação é aguçar a curiosidade e o desejo de saber o que há atrás da porta. Outro efeito é que, em termos espaciais, cria-se uma ambigüidade para o espectador que acaba por não saber se está olhando para dentro ou fora dela, se está incluído ou não na cena.

O que é visto através do furo é surpreendente e inesperado: para além de um espaço escuro que se vê através do buraco na parede de tijolos é uma paisagem iluminada, em cujo chão existe uma figura de mulher que produz em quem olha um efeito de estranheza. Tal efeito se explica pela hesitação que o espectador pode experimentar, diante da incerteza de estar vendo um corpo vivo ou representado, animado ou inanimado, real ou fictício.

A figura está nua, com as pernas abertas em direção daquele que olha e segura em sua mão esquerda uma lamparina acesa. Não se sabe se há uma cabeça escondida pela parede de tijolos ou se falta a cabeça, pois o espaço e a materialidade da cena são difíceis de determinar com precisão. O corpo repousa sobre uma relva, mas a paisagem que se vê atrás é de uma foto tirada por Duchamp, quando estava de férias na Suíça. O corpo da mulher foi construído usando-se pele de porco, a fim de dar uma aparência de pele humana. O fato de a mulher estar nesta posição permite toda sorte de fantasia e ou interpretação, pois não se sabe se a mulher está viva ou morta, se foi estuprada ou se apenas repousa

após o ato sexual, como se sabe pelas fantasias dos espectadores. Outra observação que se pode fazer imediatamente ao olhar a figura feminina é a imaturidade da vagina sem pêlos, o que reforça o efeito de estranheza. A esse propósito lembramos a afirmação do filósofo francês, Jean-François Lyotard [6], segundo o qual a figura na relva é andrógina, com uma identidade masculina/ feminina.

Vale retomar as relações entre o complexo de castração e o complexo de Édipo estudados por Freud em A organização genital infantil e A dissolução do complexo de Édipo. No primeiro texto ele afirma que “para ambos os sexos entra em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” [7]. Nesse primeiro momento da organização genital infantil, a criança atribui a todos os seres humanos a posse do falo. Esta fase é a chamada fálica.

A visão dos órgãos genitais femininos pode, a princípio, fazer com que a criança negue a falta do pênis: “Sabemos como as crianças reagem às suas primeiras impressões da ausência de um pênis. Rejeitam o fato e acreditam que elas realmente ainda assim, vêem um pênis” [8]. Em seguida, chega-se à conclusão de que o falo que um dia estivera lá fora arrancado por alguma razão. Esta conclusão, a da castração, faz com que a criança remeta essa ameaça para si própria.

Mas parece que existe um momento, anterior à constatação da castração, em que o menino, apesar de constatar a falta do pênis na menina, continua acreditando que a mãe o possui: “Mulheres a quem ela (a criança) respeita, como sua mãe, retêm o pênis por mais tempo” [9]. O complexo de castração só se estabelece para o menino quando ele descobre que apenas as mulheres podem dar à luz e que a mãe não tem pênis.

De acordo com Freud, o complexo de castração efetua-se em duas etapas. Poderíamos dizer que “a primeira é auditiva e a segunda, visual” [10]. Na primeira, a criança sofre ameaças de castração, as quais ela não leva muito a sério, por parte dos adultos durante a masturbação infantil. Já na fase visual, ela finalmente vê a ausência do pênis nas mulheres e principalmente na mãe. Ela confirma então, a veracidade das primeiras ameaças, que assumem a posteriori, a significação da castração efetiva e provoca angústia. É no registro da percepção visual que a ameaça de castração se torna efetiva.

Entretanto, para Moustapha Safouan, esta experiência não está apenas na ordem da percepção e sim na ordem do desejo:

É preciso ainda acrescentar que, colocada assim no plano da percepção, a nova “experiência” não explica nada. Que o menino só veja na menina ausência, isto significa justamente que o falicismo, no sentido da crença na existência de um só órgão sexual, só é melhor mantido. Que esta ausência signifique para ele “castração” só pode ser em razão de uma interpretação. Não nos vem ao espírito que se é assim, é que a menina que ele observa, ele já a deseja? Trata-se de uma experiência nova, mas que não é uma experiência perceptiva: é a experiência do desejo. [11]

Concomitantemente, com a percepção visual da ausência do pênis na mãe, já haveria, então, a experiência do desejo? O que sabemos é que, diante da castração da mãe, o sujeito se divide. Por um lado, ele a aceita e, por outro, a nega. A negação da castração pode se dar de três formas; recalque, desmentido e forclusão, e define as três estruturas clínicas, neurose, perversão e psicose. A divisão do sujeito repercute na realidade, mais

especificamente naquilo que colocará no lugar da castração do Outro, o que para o neurótico será a fantasia; para o perverso, o fetiche; para o psicótico, o delírio.

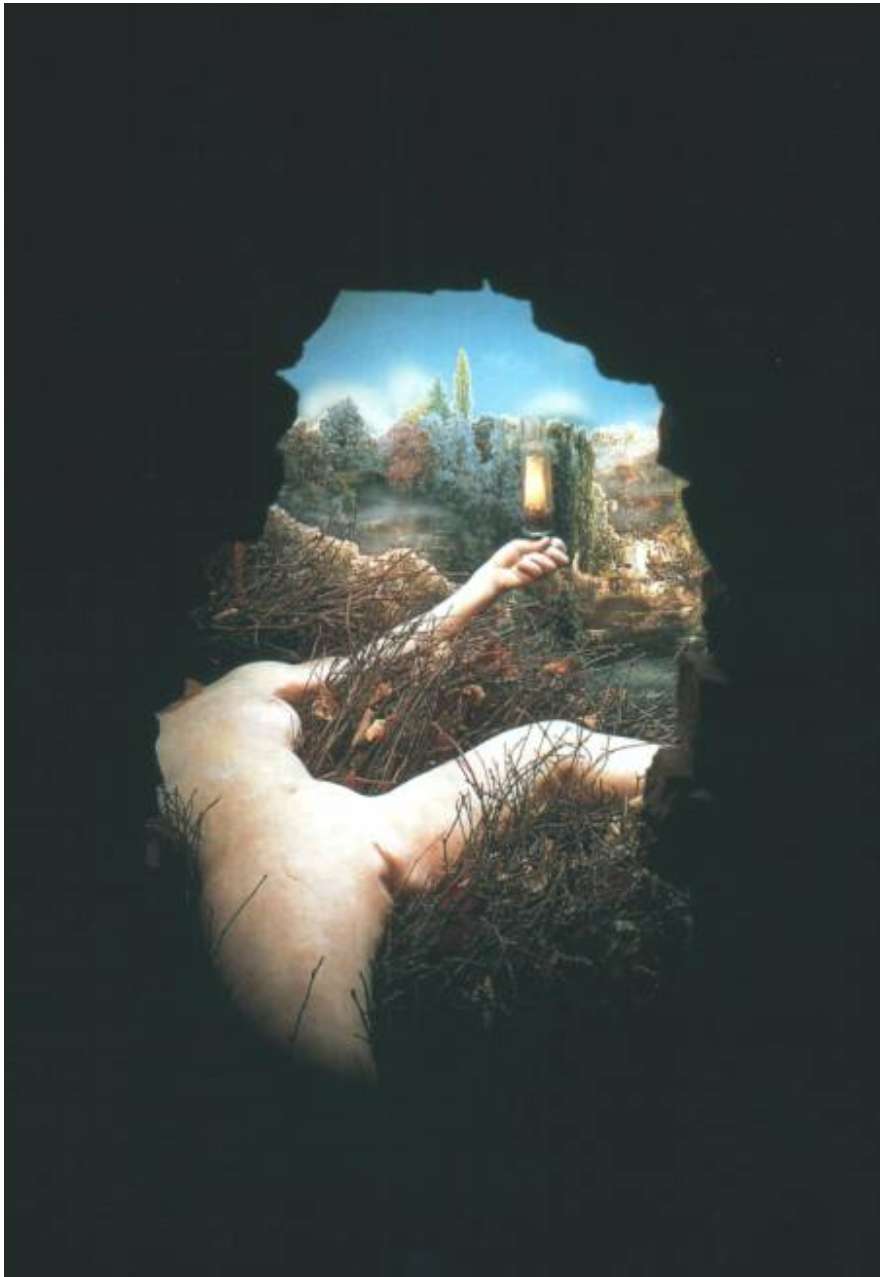
O esquema do véu, proposto por Lacan a partir do modelo do fetichismo, serve aqui para desvelar o roteiro perverso do desmentido, em que o fetiche é algo que entra no lugar do falo perdido e o que é "amado no objeto de amor... (é)... alguma coisa que está para além. Essa alguma coisa não é nada, sem dúvida, mas tem essa propriedade de estar ali simbolicamente" [12]. Então, "com a presença da cortina, aquilo que está mais além, como falta, tende a se realizar como imagem. Sobre o véu pinta-se a ausência." [13] No fetichismo, a castração da mulher está ali ao mesmo tempo afirmada e negada. No véu pode-se estampar qualquer coisa. O fetiche positiva o falo, ainda que por sua mediação o perverso vá ao encontro de sua ausência, fazendo emergir, com o seu ato, a divisão subjetiva do sujeito. A manobra do sujeito perverso é de recusar a sua divisão, identificando-se ao objeto para então produzir a angústia e/ou a divisão no Outro. Como diz Lacan nos Escritos, "O que só se consegue se seu agente aparente se cristaliza na rigidez do objeto, no intuito de que sua divisão de sujeito lhe seja totalmente remetida pelo Outro" [14].

Mas qual a diferença entre o sujeito perverso e a fantasia perversa do neurótico? Jacques-Alain Miller, numa palestra dada no Brasil, em 1985, a respeito do texto de Lacan, "Kant com Sade", afirma que o estatuto do desejo na perversão e na neurose são diferentes e que na perversão "o desejo merece a nomeação de vontade de gozo" [15]. O neurótico é aquele que se pergunta sobre o seu desejo, já o desejo perverso, "não é uma pergunta, mas uma resposta, pois o perverso sabe o que quer e isso deve ser a base da arrogância perversa, que o faz convencido de saber a verdade escondida" [16].

A proposta que se faz neste trabalho é de se interrogar se o convite [17] feito no *Etant donnés* seria de alguma forma perverso. Nesta obra, o espectador é convidado a olhar no buraco da porta, a olhar pelo furo, ver algo que evoca o proibido, o fora da lei. Sem qualquer pudor, é como se a mulher deitada na relva, ou quem sabe, a noiva do Grande Vidro, aticasse o voyeur a espí-la.

Já de início, deparamo-nos com um duplo furo, o da porta e o do feminino: dois furos congruentes e que se anulam, mas que ao mesmo tempo permanecem lado a lado. Assim, podemos afirmar que eles se anulam e não se anulam, tal como na perversão, pois o excesso de furos tem como função desmentir a castração. Nesse caso, o furo deixaria de apontar a falta, a castração, e a sua função tornar-se-ia outra: produzir o gozo do olhar.

Podemos afirmar que o espectador é levado a um gozo do olhar, mas de que ordem é o desejo do artista que produz esse efeito no espectador? Sabemos que o desejo do perverso visa à divisão do sujeito, de forma a não ter que se haver com a falta, já que ele é aquele que sabe como fazer o Outro gozar. Por outro lado, o desejo do analista, que também visa à divisão do sujeito, não goza diante da divisão do outro. É impossível, no entanto, saber se o desejo do artista se equipara ao desejo do analista ou ao do perverso. Porém, é pertinente concluir que há um gozo do olhar no espectador do *Etant donnés*, efeito da instalação construída pelo artista.



[1] Aluna do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental

[2] A reprodução da obra está anexada no final do texto.

[3] ADES et alii, 1999, p. 202.

[4] Também aqui podemos constatar a dificuldade de tradução do título desta obra, que em francês é *La mariée mise à nu par ses célibataires, même*.

[5] VIEIRA, Márcia Maria Rosa. Uma ética fora-do-sexo: Marcel Duchamp e Fernando Pessoa. Belo Horizonte, Revista Clique, abril de 2002.

[6] ADES et alii, 1999, p. 202

[7] FREUD, Sigmund. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade, ESB, XIX, p.180.

[8] FREUD, Sigmund. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade, ESB, XIX, p.181.

[9] FREUD, Sigmund, A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade, ESB, XIX, p.183.

[10] QUINET, Antonio. "Um olhar a mais", Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 99.

[11] SAFOUAN, Moustapha. A dissolução do complexo de Édipo. In: _ A sexualidade feminina. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. pp72-73.

[12] LACAN, Jacques, O Seminário, livro 4, J. Zahar Ed., p. 157.

[13] LACAN, Jacques. Seminário, livro 4, J. Zahar Ed., p. 157.

[14] LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro : Zahar, 1998, p.785.

[15] MILLER, Jacques-Allain. Lacan Elucidado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p204.

[16] MILLER, Jacques-Alain. Lacan Elucidado, Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p.204.

[17] Durante a apresentação desse trabalho na Jornada Interna do IPSM-MG, em 03 de outubro de 2003, Antônio Beneti, pontuou a questão do olhar e da obra de arte, do estar dentro e fora da cena, contrapondo-a à idéia de um "convite" feito pelo artista. No entanto, por ter que discorrer pelo tema da perversão optei por seguir a vertente do convite feito pelo artista ao espectador.

FEMINILIDADE E ESTRUTURA

Maria Elisa Campos

"Não é porque ela é não-toda na função fálica, que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá a toda. Mas há algo a mais."(Jacques Lacan)¹

I – INTRODUÇÃO:

Mulheres! Há sempre quem exclame esta frase com um caráter de indignação, apontando para o enigma que funda esse ser. A falta de sentido remete aos primórdios do Édipo, onde se experimenta o encontro com o real desse Outro sexo por excelência. A partir daí, os sujeitos terão seus caminhos traçados e, se inscritos na função fálica, poderão se colocar de um lado ou de outro das fórmulas da sexuação. Se se inscrevem do lado masculino, estarão

fadados ao registro fálico e a buscar do outro lado o objeto do seu desejo. Já do lado feminino, estão elas, não-todas inscritas no registro fálico e tendo que se remeter ao lado vizinho, em busca daquilo que só eles têm, o falo. Mas como assinala Lacan na citação acima, há algo a mais...

Freud, em 1923, já nos alertava para a primazia do falo na organização genital infantil. Em O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente, Lacan nos aponta para a importância de que "a função constitutiva do falo, na dialética da introdução do sujeito em sua existência pura e simples e em sua posição sexual, é impossível de deduzir, se não fizermos dele o significante fundamental pelo qual o desejo do sujeito tem que se fazer reconhecer como tal, quer se trate do homem, quer se trate da mulher".² E "é com os efeitos do desejo que temos de lidar na psicanálise".³ Desejo que se constitui a partir da falta, sempre articulado à demanda e tão inacessível, por se tratar sempre de uma outra coisa. Ele desliza sob a cadeia significante, como metonímia da falta-a-ser.

Em meu percurso teórico para discutir o tema, atravessa uma questão: seria a questão sobre a feminilidade o que a estrutura vem metaforizar? E a partir desta, muitas outras. A construção psicanalítica sobre a feminilidade nos induz a pensar que a questão sobre o que é ser uma mulher conduz necessariamente à estrutura histórica, quando pensamos na posição feminina? Com essas questões, gostaria de iniciar, pensando na problemática da feminilidade e o que advém a partir dela para a mulher.

II – SER MULHER:

Em uma nota de rodapé do texto freudiano de 1925, "Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos", o editor faz uma citação de Ernest Jones, de 1955, onde ele afirma: "Pouca dúvida existe de que Freud julgava a psicologia das mulheres mais enigmática que a dos homens. Disse ele uma vez a Marie Bonaparte: 'A grande questão que jamais foi respondida e que ainda não fui capaz de responder, apesar de meus trinta anos de pesquisa da alma feminina, é: O que é uma mulher?'".⁴

Esta questão só poderá ser melhor analisada a partir de Lacan, com suas afirmativas de que "a mulher não existe" e "a relação sexual não existe", afirmações estas possíveis de serem estabelecidas através de todas as construções teóricas que ele faz. Tais avanços deveram-se à sua releitura de Freud a partir das contribuições da lingüística, sendo-lhe ainda necessário, num tempo posterior, utilizar-se dos pressupostos da lógica na elaboração deste saber.

Retomando ainda o texto de Freud, ele nos diz que o Édipo é o que possibilita aos sujeitos a sua inscrição como ser sexual e ainda é o responsável por orientar as suas futuras escolhas de objeto. Freud nos alerta para o fato de que o Édipo para a menina é diferente daquele vivido pelo menino, tendo aqui o Complexo de Castração relevância quanto a esta diferença. O menino finaliza seu Édipo diante da ameaça de castração, ao passo que a menina nele entra a partir da constatação da castração feminina. E não sai dele sem grandes efeitos em sua constituição psíquica, um deles o "rochedo da castração", que Freud nos aponta como um impossível de simbolizar, mesmo após longo percurso de análise. Na Conferência XXXIII de 1933, intitulada "Feminilidade", Freud estabelece três saídas possíveis no desenvolvimento feminino a partir da inveja do pênis, Penisneid: "uma que conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal".⁵ Toda a contextualização freudiana sobre a feminilidade centra-se sobre o ter ou não ter o falo e seus possíveis efeitos para a mulher. Com Lacan há uma mudança nesta leitura, e a questão da feminilidade passa a ser considerada também a partir do registro do ser, ser o falo.

Com o texto lacaniano, somos levados a reler o texto freudiano no sentido de que o que falta é um significante que diga sobre a mulher e que, por tal motivo, o Édipo feminino inicia-se com a castração como um fato real da condição feminina, passa pela frustração de não poder ter acesso ao pênis do pai e conclui-se com a privação, com a fantasia de ter um filho do pai, possuir o pênis sob a forma simbólica. A menina desinveste de seu primeiro objeto, a mãe, a partir da decepção diante da castração materna e volta-se para o pai, em busca de uma resposta. Ela quer que ele lhe dê este significante que lhe falta, e nessa perspectiva o pai sempre fracassa. Torna-se impotente em dar à menina o que ela lhe pede. Nessa virada para o pai, Lacan localiza a entrada da menina na feminilidade: "Chega-se à posição feminina na medida em que a decepção consegue, mediante uma série de transformações e equivalências, fazer brotar do sujeito uma demanda, dirigida ao personagem paterno, de que lhe seja dada alguma coisa que realize seu desejo".⁶

Mas o primeiro desejo, ligado ao enigma do desejo materno, com a decepção diante do real da castração, transforma-se em uma demanda, agora dirigida ao pai, demanda que supõe um desejo alienado, que segundo nos alerta Lacan em O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente, só pode ser satisfeito pela condição de uma renúncia parcial. Nesse mesmo Seminário, ele afirma que o falo só é concebível como significante da falta, marcando a distância entre a demanda do sujeito e seu desejo. "Se a mulher tem de passar por esse significante, por mais paradoxal que ele seja, é porque não se trata, para ela, de realizar uma posição feminina primitivamente dada, mas de entrar numa determinada dialética de troca (...) ela tem de se inscrever no ciclo das trocas da aliança e do parentesco, a título de ela mesma se tornar aí um objeto de troca".⁷ Lacan nos alerta neste texto para o fato de que, nas análises, esta condição feminina aparece como a estrutura de base da relação edipiana, o fato de que a mulher tem que aceitar a si mesma como um elemento do circuito das trocas: "O fato de como o homem, aliás, ela ter de se inscrever no mundo do significante é pontuado, nela, por esse desejo que, como significado, deverá permanecer sempre a uma certa distância, a uma margem, seja lá do que for que possa relacionar-se com uma necessidade natural. De fato, a introdução a esta dialética exige que alguma coisa da relação natural seja amputada, sacrificada, e com que finalidade? Precisamente para que isso se torne o próprio elemento significante da introdução da demanda".⁸

Freud, na "Conferência XXXIII – Feminilidade", já pontuava a necessidade feminina de ser amada, que podemos articular aqui com essa demanda dirigida ao pai e posteriormente ao parceiro.

Gostaria de considerar a partir de agora algumas características da feminilidade sob a ótica lacaniana e que serão importantes para pensarmos na questão da estrutura.

O grande avanço de Lacan a esse respeito advém a partir das fórmulas da sexuação, em que ele desenvolve o conceito do não-todo feminino – para não-todo x, falo de x. A mulher, apesar de inscrita na função fálica, não é toda inscrita nela, o que traz uma série de efeitos em relação à posição feminina. "O sujeito na metade onde ele se determina pelos quantificadores negados e por não haver nada existente fazendo limite da função que não poderia assegurar-se de qualquer coisa de um universo. Assim, ao se fundarem dessa metade, elas não são não-todas e, por conseqüência, e pelo mesmo fato, nenhuma tampouco é toda. (...) Dizer que uma mulher não é toda é o que o mito nos indica, por ela ser a única ultrapassada por seu gozo...".⁹

Com a noção do não-todo, faz-se possível elucidar a posição feminina e compreendê-la na vertente do ilimitado, bem como a afirmação lacaniana de que "tudo pode ser imputado à mulher, já que, na dialética falocêntrica, ela representa o Outro absoluto".¹⁰

Em O Seminário, Livro 20: mais ainda, Lacan nos adverte da relação fundamental da mulher com o Outro, inclusive sendo um Outro para si mesma. Daí a sua relação ao S de (A) barrado, "e já é nisso que ela se duplica, que ela não é toda, pois por outro lado, ela pode ter relação com o falo".¹¹ A relação ao S de (A) barrado aponta para o suplemento do gozo feminino. Lacan nos diz que, se há um ser da mulher, ele está em um suplemento, suplemento este em relação a um significante. Diante desse gozo não regulado pelo significante fálico, que operaria como um limite, uma barreira, é que as mulheres podem ir muito longe nas concessões que fazem de si mesmas, de seu corpo e de seus bens. Foi como Lacan nomeou a "loucura feminina" e que aponta para a posição erotômana em que se colocam as mulheres diante do amor, muitas vezes, estas concessões levando a terríveis devastações. Como diz Miller, "ela não conhece a divina justa medida".¹²

As mulheres, ainda com relação ao amor, se dirigem ao ponto de falta do outro, do parceiro. Ela ama o homem como castrado, na forma do dar o que não se tem do amor. Já com relação ao desejo, deseja o pênis do parceiro, mas enquanto fetichizado pelo significante. A mulher encontra o significante do seu desejo no órgão do seu parceiro que, estando revestido da função significante, toma o valor de fetiche. Mas é como um homem privado do que dá é que ela o escolhe como Outro do amor. Assim, é possível para ela uma convergência do amor e do desejo no mesmo objeto, apesar de ser uma convergência que aponta para uma duplicidade do sujeito. A virilidade do parceiro só pode ser reconhecida pela mulher, se estiver marcada pela castração, que é conectada no inconsciente feminino ao amor: "se seu desejo se dirige ao parceiro sexual enquanto portador do significante desse desejo, enquanto portador do falo, o apelo do seu amor, sob a forma erotômana, se endereça, por trás desse véu fálico, ao homem, que seria verdadeiramente Outro para ela: é um amante castrado ou um homem morto que, para a mulher, se esconde por trás do véu, para aí apelar à sua adoração...".¹³

Freud tinha uma questão sobre a existência ou não de um supereu feminino e considerava que, talvez, se ele existisse, não seria muito severo. A partir de Lacan, é possível rever esse conceito, e com a vinculação do supereu a um imperativo de gozo, ele nos faz ver que essa instância não só está presente nas mulheres, mas também se torna uma instância ainda mais rigorosa. Miller, em sua conferência intitulada "Clínica del superyo", propõe usar o significante falo zero, para simbolizar esse gozo feminino não freado pelo falo e que a leva para fora de si mesma.

Em As posições femininas do ser, Seminário de Éric Laurent que foi traduzido e resumido por Sandra Espinha e trabalhado em uma reunião de cartel, verificamos que "Lacan nos aponta que a dificuldade da posição feminina conduz muitas vezes as mulheres a não cessarem de querer que um homem seja o seu Outro"¹⁴ e nos alerta para os riscos de um homem querer responder a esse apelo, especialmente quando essa resposta não sustenta a inexistência de um Outro do Outro. Lacan sugere, em O Seminário, Livro 20: mais ainda, que toda a questão sobre a sexualidade feminina refere-se, para além do Penisneid, às duas direções que partem do sujeito feminino, tal como aparece no quadro da sexuação, de um lado, S de (A) barrado e de outro, o mais-gozar (a). Toda a questão parece ser a de separar S de (A) barrado e a. Em "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina", Lacan ressaltava a necessidade de que um homem sirva de relé para que uma mulher se torne Outra para si mesma, como ela o é para ele. Esta saída parece ainda ser tomada como uma possibilidade para o feminino em seu último ensino. Destaca-se, aqui, a importância da parceria e da necessidade de a mulher aceitar ser tomada pelo parceiro como um objeto, diante da posição fetichista do amor masculino.

III – NEUROSE FEMININA:

Diante destas considerações acerca da feminilidade, gostaria de voltar à discussão sobre a clínica da neurose feminina. Os textos psicanalíticos nos levam a ler a questão da feminilidade sempre a partir da ótica da histeria. Como ficaria então a abordagem da neurose obsessiva? Por quê, em nossa clínica, é tão pouco freqüente o aparecimento de casos de neurose obsessiva em mulheres? Penso que a clínica do feminino nos coloca diante das questões trazidas pela feminilidade, tais como a presença das máscaras, o “bancar o homem”, a relação da mulher com o amor, o desejo e o gozo, o supereu feminino, a devastação, etc. Tais posições femininas independem do tipo de neurose. São comuns à histeria e à neurose obsessiva. Poderíamos dizer que a questão da feminilidade se impõe à da escolha da neurose na clínica? Independentemente da neurose, a todas as mulheres se coloca a questão essencial feminina – “o que é ser uma mulher”? Apesar da distinção quanto à apresentação dos sintomas, o substrato das duas neuroses, no tocante ao feminino, nos aponta para a questão do enigma da feminilidade e seu peso para cada mulher. Na clínica, deparamo-nos com mulheres diante da dificuldade de lidar com a falta de um significante que as nomeie enquanto tais. As saídas a esta questão são sempre particulares e marcadas pela contingência. Poderíamos dizer, então, que a orientação pelo não-todo fálico e a falta de um significante que diga o que é ser uma mulher induz a um empuxo-à-histeria? Por esse viés, poderíamos compreender a escassez de casos de neurose obsessiva feminina em nossa clínica, bem como a equivalente riqueza de casos de histeria nas mulheres?

Lacan em O Seminário, Livro 3: as psicoses já nos alertava para a maior incidência de casos de histeria nas mulheres, advertido-nos que tornar-se uma mulher e interrogar-se sobre o que é uma mulher são coisas essencialmente diferentes. Ele afirma que interrogar-se é o contrário de tornar-se. Chama a posição feminina de “essencialmente problemática” e até mesmo inassimilável. Ele nos diz que a mulher, a partir do momento em que é introduzida na histeria, na questão do que é ser uma mulher - que é a questão essencial feminina - sua posição apresenta uma certa estabilidade, em virtude da simplicidade estrutural. Poderíamos nos perguntar se essa simplicidade conduz até mesmo a uma escolha pela histeria, em se tratando de mulheres. Em 1955, Lacan já atentava para o fato de que “quando sua questão adquire forma sob o aspecto da histeria, é fácil para a mulher colocá-la pela via mais curta, a saber: a da identificação com o pai”.¹⁵ Utilizando-nos dos termos lacanianos, fácil, simples, identificação ao pai, podemos pensar que esta solução, a da escolha da histeria, se oferece como uma possibilidade para a mulher? Tornar-se histérica, identificar-se ao pai, apareceria como um bom caminho para a questão da feminilidade?

Freud, em sua “Conferência XVII – O sentido dos sintomas”, apresenta a neurose obsessiva e a caracteriza a seu público ouvinte, trazendo dois casos de mulheres, consideradas por ele como obsessivas. No primeiro caso, uma senhora com trinta anos de idade e que sofria de graves manifestações obsessivas. “Ela corria de seu quarto até um outro quarto contíguo, assumia determinada posição ali, ao lado de uma mesa colocada no meio do aposento, soava a campainha chamando a empregada, dava-lhe algum recado ou dispensava-a sem maiores explicações e, depois, corria de volta para o seu quarto”.¹⁶ A partir da análise, Freud chega à elucidação do sintoma de sua paciente, através de um relato dela sobre sua noite de núpcias. Ela lhe revelou sobre a impotência do marido, e suas idas e vindas ao seu quarto nessa noite, sempre fracassadas. Na manhã seguinte, temendo ficar envergonhado diante da empregada, ele derramara uma tinta vermelha no lençol, em lugar nada apropriado. O ato obsessivo revela a repetição da cena e, ainda, a negação desta mulher que já vivia separada do marido em casa, mas não conseguia efetivar esta separação socialmente. O ato esconde a impotência e, ao mesmo tempo, a nega, fazendo com que a empregada sempre veja a mancha na toalha, aqui tomada como substituta do lençol das núpcias.

No segundo caso, uma jovem de dezenove anos e seu ritual de dormir. A paciente era filha única e sempre se mostrou muito inteligente. Quando criança, era alegre e decidida, mas, com o passar do tempo, tornou-se neurótica, disse Freud. Ele descreve um ritual de duas a três horas para que a moça se entregasse ao sono. Apresentava incômodo com os relógios, os vasos, mas a principal arrumação, a da cama, era meticulosamente tratada. Devia-se também manter entreaberta a porta que separava seu quarto do dos pais. No decorrer da análise, algumas associações e interpretações que levam a paciente a se deparar com o drama edípico, no centro de suas questões. Com o ritual, não deixava os pais dormirem; a porta entreaberta impedia o ato sexual dos pais, que já fora interferido anteriormente por crises de medo noturno da paciente, quando mais jovem. Freud fala da “ligação erótica” da paciente ao pai e da hostilidade dirigida à mãe.

Miller, na “Conferência de Barcelona”, comenta os dois casos apresentados por Freud nesta conferência, com as seguintes observações: (...) Freud apresenta dois sintomas obsessivos, porém estamos de acordo que são fragmentos de casos de histeria. O primeiro concerne a uma mulher com ação compulsiva para proteger o marido impotente. O segundo, um cerimonial de dormir que aponta para uma encenação da inexistência da relação sexual, sustentada por um vínculo libidinal ao pai, tal como no primeiro caso, o marido é um lugar-tenente do pai. Caracteriza-os como sintomas obsessivos pelo caráter de *zwang*, de obrigação dos atos. É surpreendente que tenha escolhido esses casos. Penso que é porque se dirige a uma audiência não praticante e são sintomas muito evidentes...”.¹⁷

Parece-me que na ocasião, Freud não atentou para a posição histérica das pacientes, ambas identificadas ao pai. No primeiro caso, o pai impotente da histérica. No segundo, o pai ao qual se dirige a demanda do amor feminino, sendo a mãe colocada como rival, tal como no segundo tempo do Édipo feminino. Casos com sintomas obsessivos tão claros, mas que evidenciam o substrato histérico da neurose. Será que em nossa clínica, não nos deparamos muito mais com os sintomas obsessivos do que com a neurose obsessiva em si, quando estamos diante de mulheres? A descrição desses casos nos coloca – apesar da evidência de sintomas obsessivos claros – diante de uma questão: frente à pergunta sobre a feminilidade, esta não seria, a priori, a maior questão feminina? E, neste sentido, a chance de uma mulher se posicionar, na escolha da neurose, como uma obsessiva, não seria mais difícil, uma vez que é imperativa a questão sobre o sexo?

Freud, quando se referia à neurose obsessiva, já dizia que ela era um dialeto da neurose histérica. Interessante, se pensarmos no sentido da palavra dialeto, que remete ao linguajar, uma outra forma de dizer, variedade da língua. Seria o sintoma obsessivo então uma outra forma de dizer a questão da histérica sobre a feminilidade? Freud, que em sua época, só contava com o recurso do falo e da castração, já apontava que a histeria era a neurose por excelência. Eu acrescentaria que é a neurose por excelência encontrada nas mulheres.

Atualmente, em nossa clínica contemporânea, muitas vezes nos deparamos, em alguns momentos da análise de algumas pacientes, com respostas sintomáticas obsessivas. Será que somos levados a constatar que são respostas femininas à exigência da modernidade? Poderíamos dizer que as mulheres estão cada vez mais convocadas a se posicionarem do lado masculino das fórmulas da sexualização e, desta forma, a responderem a tal convocação através de sintomas obsessivos? Pensando na direção do tratamento, não seria mais interessante abordarmos a clínica da neurose nas mulheres a partir do que ela traz de particular – a questão sobre a feminilidade – e neste sentido, ela não deveria ser abordada também para além da estrutura?

São questões que me coloco e que trago para a discussão. Lembro-me aqui, de toda forma, da orientação lacaniana de que as mulheres só podem ser tomadas uma a uma, e esta parece ser uma boa referência para a clínica do feminino.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p.100.

² _____. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 285.

³ _____. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 261.

⁴ FREUD, Sigmund. "Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos". In: Obras Completas, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1978, p. 304.

⁵ FREUD, Sigmund. "Conferência XXXIII: Feminilidade". In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1978, p.155.

⁶ LACAN, Jacques. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 295.

⁷ _____. O seminário, livro 5, as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 296.

⁸ _____. O seminário, livro 5, as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 296 e p. 297.

⁹ _____. "L'Étourdit". Tradução de Luiz de Souza Dantas Forbes para a Biblioteca Freudiana Brasileira, p. 21.

¹⁰ _____. "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina". In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 741.

¹¹ _____. O seminário, livro 20: mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p.109.

¹² MILLER, Jacques-Alain. "Uma distribuição sexual". Ensino pronunciado no quadro do Depto. de Psicanálise da Universidade de Paris VIII. Texto estabelecido por Catherine Bonninque. Tradução de Samira Assad.

¹³ OLIVEIRA, Sandra M. E. "Posições femininas do ser". Resumo e tradução do ensino de mesmo título, pronunciado por Eric Laurent no quadro do Depto. de Psicanálise da Universidade de Paris VIII. Texto estabelecido por Claudette Damas e Marcel Eydoux, 1992-93.

¹⁴ OLIVEIRA, Sandra M. E. "Posições femininas do ser". Resumo e tradução do ensino de mesmo título, pronunciado por Eric Laurent no quadro do Depto. de Psicanálise da

Universidade de Paris VIII. Texto estabelecido por Claudette Damas e Marcel Eydoux, 1992-93.

¹⁵ LACAN, Jacques. O seminário, livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 204.

¹⁶ FREUD, Sigmund. "Conferência XVII – O sentido dos sintomas" In: Obras Completas, Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1978, p. 309.

¹⁷ MILLER, Jacques-Alain. "Seminário de Barcelona". In: Revista Freudiana nº. 19, 1997, p. 23 e 24.

Uma posição subjetiva: A perversão como defesa

***Mônica Campos Silva**

"Afinal, ao real do mundo nada falta, pelo menos quando ele nos expõe ao que temos em comum" (3)

Diante do real da castração, segundo Lacan, há três formas em que o sujeito pode se estruturar subjetivamente: neurose, psicose e perversão. Tentarei, aqui, a partir da primeira clínica lacaniana – cuja ênfase é a castração – fazer o percurso que leva o sujeito a se defender utilizando-se do desmentido, isto é, a posição perversa.

Em os Três ensaios... (1904), Freud afirma que a perversão é uma posição subjetiva e não uma manifestação dos instintos. Acrescenta que ela se constitui no Édipo, tendo uma relação com a castração.

Mais adiante, em O Fetichismo (1927), ele teoriza que a criança, no encontro com a falta fálica na mãe, sente horror, nega esta percepção, desmentindo e recusando a castração nela. Neste momento – encontro com o trauma – o interesse do indivíduo é interrompido e o que se retém na memória é a imagem anterior à percepção da castração. A imagem recortada da cena primitiva, na qual o desejo do sujeito está fixado de modo particular, se detém, sendo provida de valores eróticos.

Em um primeiro momento da relação mãe e filho, sabemos ser necessário que a criança se coloque no lugar de falo para a mãe, para que ela possa localizar o gozo e não ser invadida, pois o que existe é uma " relação fundamental da criança real com a mãe simbólica e o falo desta, que é para a criança imaginário" (4) . No entanto, depois de várias lutas internas – complexo de castração – o falo deixa de ser imaginário para se tornar simbólico, sendo este encontro com a privação materna que ganha um valor simbólico. A questão é simbolizar ou não, aceitar ou não a perda.

A estrutura perversa tem sua constituição no segundo tempo do Complexo de Édipo. O sujeito entra no Édipo e tem conhecimento da castração, mas, diante da frustração produzida pelo encontro com a castração materna, há uma regressão, que não permite ao sujeito chegar ao tempo da privação – experiência real, onde se demarca a castração – subjetividade, que é "a apreensão no real da ausência de pênis na mulher" (5). Desta forma "a valorização da imagem constitui o molde da perversão" (6), sendo a infância o momento em que a marca sexual mostra modos de satisfação que terão conseqüências na vida adulta.

Um exemplo de que o sujeito se encontra no Édipo é o fato de que, num ritual perverso, encontramos gozo e interdição.

Logo, onde não havia nada passa a haver uma crença, rechaço de uma representação por meio de uma afirmação oposta, mas que supõe uma afirmação primordial. Desmentindo a castração, o sujeito continua como o objeto que completa o Outro. Embora saiba da falta, não consegue simbolizá-la, remetendo-a ao campo imaginário, isto é, enaltecendo a imagem que desmente a castração. A dimensão imaginária prevalece.

O perverso, sabemos nós, antecipa a cena para que nada do desejo apareça. Cristaliza o desejo, transformando-o em vontade de gozo. O sujeito tenta recobrir com o simbólico e o imaginário o campo do real. Acreditando possuir o que o outro procura, ele tenta fazer com que o gozo prevaleça, com que o véu não caia. Produzindo deste modo, uma defesa contra o real – da falta, da castração .

Podemos pensar que a castração, ou seja, a função paterna ao operar sobre mãe e filho, coloca uma barra em ambos, permitindo a criação, para o sujeito, de um enigma sobre o que se quer dele. Isso se dá pela instauração da lei como recalcada, mas permanente, no inconsciente. É este tempo do Édipo que o perverso não experiencia, havendo inoperância da metáfora paterna, ou mesmo incompletude, na qual a “intervenção sancionadora da castração dos elementos imaginários assumiriam sua estabilidade no simbólico.” (5)

Na neurose em face do desejo, a posição do sujeito é a de sustentar-se na fantasia como resposta à demanda, dando significação à sua necessidade. Uma tentativa de satisfazer no Outro suas demandas, constituindo um perpétuo fracasso do desejo. A defesa fantasmática neurótica produz o sintoma, sustenta uma não-relação essencial, diz não ao encontro. O neurótico usa seu fantasma para fugir, há uma dinâmica. Já o perverso em sua atuação, que não pede licença, goza sempre da mesma maneira, revelando a estática da fantasia.

Então, podemos dizer que a diferença da posição do sujeito na neurose e na perversão é que, na primeira, temos o desejo, que produz uma busca desse objeto que o complete, transformando-o em demanda ao Outro que, uma vez satisfeita, subtrai o objeto, remetendo o sujeito novamente à falta. Na segunda, por sua vez, a vontade de gozo aparece como forma de previsão, de defesa. Cristaliza-se o desejo identificando-se ao objeto, prestando-se a fazer o Outro gozar, sustentando uma relação essencial. Contudo, o que está em jogo é a sua própria fantasia e, por isso, torna-se escravo de um imperativo. É o *savoir faire* sem a assunção da castração que o escraviza frente ao Outro. “Ai onde a entrada da lei colocaria um limite, instaurando um desejo, surgirá uma vontade de gozo, o sujeito se faz causa de gozo do parceiro.”(11)

Freud nos diz que a perversão é uma resposta à falta feminina. O sujeito afirma o falo e desmente a castração materna. O fetiche, que é a perversão por excelência, funciona como a escolha de um objeto que substitua aquele que falta, ilustrando bem o processo do desmentido. Se o falo está como símbolo da ausência do pênis, “é sobre o véu que pinta-se essa ausência”(4). A queda do véu revela o insuportável, a falta, a castração. Vale ressaltar que, na perversão, o importante é a razão que levou à escolha do objeto, e não o objeto em si, “logo, não é o tipo de objeto que qualifica e especifica a perversão, mesmo que ele não seja de todo indiferente, é preciso relacioná-lo com os mecanismos que presidiram a esta escolha.”(11) . Afinal, “o objeto fetiche emerge no lugar do objeto arrancado pela castração – sendo um véu em relação ao vazio de um objeto como falta”(13), defendendo, assim, o sujeito da angústia de castração.

O fetiche torna a castração sempre presente ao mesmo tempo que a vela – positiva a

castração – constituindo-se como um ponto de oscilação. Ele aparece como símbolo de alguma coisa: é o pênis da mulher na medida em que ela não o tem. Não é o pênis da crença infantil, outra coisa tomou seu lugar, um substituto. No entanto, o substituto do falo não é o falo, indicando que a mãe não tem falo. “O que constitui o fetiche é o elemento simbólico que o fixa e projeta sobre o véu, é retirado especialmente da dimensão histórica, é o momento da história onde a imagem se fixa.”(4). Além disso, ele é produzido quando a pulsão se prende em um lugar que está desarticulado da cadeia.

A fantasia na perversão não está no tempo, mas no espaço, porque enfoca o momento instantâneo da fantasia, “o instante da fantasia, que a passagem ao ato na perversão revela.”(12) A fantasia na perversão impele a passagem ao ato, por produzir a redução simbólica – o sujeito é puro objeto. É uma fantasia encenada, atuada. A tentativa é localizar o gozo, distanciar o Outro, sendo este o modo que o sujeito tem para obturar a falta. Coloca-se na posição do objeto, identificando-se a este, apresentando-se como aquele do *savoir faire* com o gozo dele e do Outro. O sujeito passa ao ato para conseguir a integridade do Outro do gozo e não do Outro da demanda, “não se assegurando do Outro, mas imaginando ser o Outro, para assegurar-se de seu Gozo.”(12)

Para o sujeito perverso não há semblante, o que ocorre é o contato direto com o objeto, sem angústia. “Onde deveria estar o objeto a , o sujeito perverso se escreve como objeto na medida em que seu desejo, que se apresenta como uma vontade, é de fazer o Outro gozar no lugar do sujeito”.(15)

Ao que parece, no forçamento e no confronto com o real, há uma falha no simbólico e o sujeito precisa então fazer um lançamento no imaginário. Seria o caso de alguns atos delinquentes que são equivalentes a reação à falta de ressonância na assimilação do simbólico.

Se a lei está no campo do simbólico, ela ao mesmo tempo presentifica o real. O perverso quer ser a lei, mas em referência à própria lei, como forma de desmentí-la, não deixando que a barra recaia sobre si. O perverso está na posição de objeto tentando dividir o Outro, a < > \$. Pelo fato de o objeto ser fixo e exclusivo, está presente a certeza do que quer, anulando a suposição de saber. O sujeito se iguala ao objeto de gozo, como modo de tentar restituir o gozo ao corpo, como se o objeto pudesse ser instrumentalizado. Ele recusa a divisão e se condensa na forma de puro objeto, conseguindo se livrar da sua divisão, remetendo-a ao Outro. “É o sujeito que se determina a si mesmo como objeto em seu encontro com a divisão de subjetividade.”(7)

O sujeito perverso produz uma transgressão naquilo que seria o desejo, pois o gozo a ser alcançado é produzir a transgressão na homeostase, um mais além do princípio do prazer. Na perversão masoquista, por exemplo, há prazer no sofrimento pela erotização da dor. O sujeito não goza pela dor, mas pela erotização dela. Ao invés de perder o gozo, ele goza. Tenta unir gozo e corpo, perda e gozo, erotizando a castração, desmentindo assim a separação gozo e corpo.

Cumpramos ressaltar que o perverso está submetido à vontade do Outro, enclausurado num modo de gozo para que a castração não apareça. O Outro retorna sobre ele através de um imperativo , revelando que há uma razão que não se deixa comandar por nenhum tipo de norma exterior a ela mesma. Por isso é difícil concluir que não há sofrimento, pois a lei do gozo é severa demais, mesmo que se ignore que trabalha para o Outro, para o gozo: “Em Lacan, o braço do sádico, ao funcionar como objeto a – instrumento do gozo e do desvanecimento da vítima – é uma forma de o perverso imaginarizar, de encenar a divisão subjetiva. Localizando-se como objeto, o perverso se imagina o agente da divisão do sujeito; ele inventa para si a ficção de que é ele quem produz, quem causa, como objeto, a

divisão do Outro, fazendo seu parceiro representar a divisão.(12)

Sade, um perverso clássico, em sua produção literária indica que existe sempre uma norma como referência para usar a experiência da anomalia. Em sua obra o corpo vai ser pensado na medida de como se pode extrair o máximo de gozo, como máquina, fazendo o corpo perder a unidade. O sujeito é uma extração e cada ponto de deferência dele deverá ser transgredido. O gozo a partir da dor, como dado sensível, constitui o esvaecimento, o desaparecimento do sujeito. Por isso só há perversão na experiência sadiana se houver um sujeito que se divide. A vítima sadiana tem de ser aquela que se aflige, se divide subjetivamente. Não pode ser a pura dor, tem de ser aquela que causa angústia no sujeito, tendo que haver uma certa cumplicidade entre a atrocidade do agente sadiano e sua vítima.

Segundo Lacan, Sade expõe o “bem” como algo insuportável para o sujeito, apresentando a questão ética de se estar bem no mal, de se extrair um bem daquilo que gera mal-estar, o perverso tocando um “bem” que a vítima não suporta.

A máxima sadiana evidencia a liberdade insuportável do sujeito: liberdade do direito ao gozo. Discurso ao qual o sujeito se apega e ao qual ele sucumbe. Sade, ao realizar sua fantasia sem se deixar enganar por ela, expressa pura vontade de gozo, explicitando sua forma direta de relação com o gozo – registro fantasmático propriamente dito. Em sua fantasia, Sade não é sujeito, manifestando sua vontade de gozo ancorada no objeto.

Podemos concluir, então, que a perversão está no nível da resposta e que a vontade de gozo, como encobridora, não permite o aparecimento do desejo. Logo, a defesa contra o real na perversão é satisfatória, na medida em que o sujeito perverso, como algoz – sem a falta a ser – fica inalterado ao perseguir o gozo, deixando do lado do parceiro a subjetividade como divisão e dor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 FREUD, S. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: ----- Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972 p. 123 - 237 (Obras completas de Sigmund Freud, vol. 7).
- 2 FREUD, S. O fetichismo. In: ----- Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974 p. 175 - 187 (Obras completas de Sigmund Freud, vol. 21).
- 3 GARCIA, C. Segregação. Texto inédito.
- 4 LACAN, J. A função do véu. In ----- O seminário, livro 4. A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 153 -166 .
- 5 LACAN, J. Sobre o complexo de castração. In ----- O seminário, livro 4. A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 220 -236.
- 6 LACAN, J. Bate-se numa criança e a jovem homossexual. In ----- O seminário, livro 4. A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 112 -132.
- 7 LACAN, J. A identificação ao falo. In ----- O seminário, livro 4. A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 167 -181.
- 8 LACAN, J. O desejo e o gozo. In ----- O seminário, livro 5. As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 261 -279.
- 9 LACAN, J. A menina e o falo. In ----- O seminário, livro 5. As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 280 -298.
- 10 LACAN, J. Kant com Sade. In ----- Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 776 -803.
- 11 LIMA, C. R. A clínica das perversões. Texto apresentado no Curso de Formação do IPSM-MG em 05 de março de 2001.
- 12 OLIVEIRA, S.M.E. O fantasma na perversão. Texto apresentado no Curso de Formação do

IPSM- MG no ano de 2002.

13 PINHEIRO, N. Perversão - Traços e Estrutura. Revista FALO: Clínica da Perversão, Salvador, nº 4/5, p. 21-24, jan -dez. 1989.

14 VALAS, P. Freud e a Perversão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990. 119p.